

Inhana-gorda, o pássaro que gargalha



“Inhana-gorda” é este, o nome do pássaro cuja comunicação sonora possui todas as notas de uma vibrante gargalhada.

Observado e admirado há quase um século pelos moradores mais antigos de Serra Negra, esta espécie habita nossas montanhas sempre em meio a capoeiras, culturas de café semi-abandonadas, pastagens tomadas por vegetação secundária ou à barra de manchas remanescentes de mata fechada. É comum a proximidade de um riacho, pequeno córrego ou olho d'água em seu território de influência.

Se a comunicação sonora é alarmante, o traje é sóbrio e discreto. O que lhe falta em cores na plumagem, transborda em arte no desenho das penas.

Na cabeça, o topete negro que se eriça quando provocado, lembra a elegância dos penachos que adornam os capacetes dos oficiais da realeza. Partindo do bico forte e escuro descem, verticalmente, filetes alternados em branco e preto que

só podem ser iguados a trabalhos de artistas famosos que manejam finíssimos pincéis em momentos de grande inspiração.



Do pescoço para baixo as listinhas transformam-se em barrinhas horizontais que vão envolvendo o corpo todo sem que nada ouse machucar a simetria da demarcação.

Nas retrizes das asas e da cauda, arte ainda maior. Penas justapostas formam, quando fechadas, desenhos em barras mas ao se abrirem, mostram figuras arredondadas, trabalho de entendidos em geometria, salpicando de branco, o negrume das películas de fundo.

A cauda reflete em seus trejeitos, o “estado de espírito” do pássaro: fechado e listrada quando está sereno; elevada verticalmente, quando assustado; aberta em leque quando irritado; inclinada, paralela aos tarsos, quando desafiado por invasor da zona de influência ou enquanto solta o canto com todas as notas da gargalhada. (Neste estado, todas as penas do corpo ficam arrepiadas trazendo à lembrança, uma galinha choca em miniatura).

Ágil, rápido no saltitar, sempre alerta, dá o alarme à proximidade de qualquer perigo. Duas notas apenas, compõem este chamado.

Olhos vivos, atentos, íris chegadas ao pérola com o centro negro, brilhante, avistam de longe a minúscula presa, característica de todos da família Formicariidae mas nunca se viu um exemplar participando das caçadas coletivas, nas tardes quentes da primavera, após uma chuva quando, içás, siriris, cupins, patrocina o espetáculo da revoada e espécies diversas ocorrem ao livre banquete na amplidão dos céus apanhando no ar as neo-aladas indefesas em vôo de estréia.

Técnica empregada para suprir sua dieta rica em proteínas é assustar os insetos batendo as asas no meio da folhagem para que as presas mostrem-se e sejam apanhadas, sem tempo para fugir.

